



**ELEMENTOS RELIGIOSOS EM  
*MOBY DICK*, DE HERMAN MELVILLE: DA  
(RE)DESCOBERTA DA IMPORTÂNCIA  
DA LITERATURA PARA O ESTUDO DA  
RELIGIÃO**

**RELIGIOUS ELEMENTS IN  
HERMAN MELVILLE'S *MOBY DICK***

**Carlos Caldas**

Doutor em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo. Professor no Programa de Mestrado em Ciências da Religião da Universidade Presbiteriana Mackenzie.

---

## RESUMO

A pesquisa acadêmica nas interfaces literatura-religião e literatura-teologia está cada vez mais presente nas principais escolas de Teologia e Ciências da Religião do mundo. É sempre crescente o interesse em estudar religião na perspectiva da literatura. Este artigo apresenta, à guisa de estudo de caso, elementos religiosos no clássico *Moby Dick*, do romancista norte-americano Herman Melville.

---

## PALAVRAS-CHAVE

Religião; Hermenêutica contemporânea; Literatura; *Numen*.

---

## ABSTRACT

The scholarly research in the interfaces literature-religion as well as literature-theology is increasing each day in the main schools of Theology and Sciences of Religion in the world. There is a growing tendency in studying religion from the perspective of literature. This article presents, as a case study, religious elements in *Moby Dick*, the well-known classic of North American novel writer Herman Melville.

---

## KEYWORDS

Religion; Contemporary hermeneutics; Literature; *Numen*.

**E**studos científicos da religião há tempos têm lançado mão com abundância de uma especificação aplicativa da Sociologia, a saber, a Sociologia da Religião, como ferramenta auxiliar da tarefa por demais complexa que é analisar fenômenos e manifestações religiosas. Outras ferramentas que têm sido utilizadas são a Antropologia Cultural e a Psico-

logia, a um ponto tal que já existem também as respectivas especificações, quais sejam a Antropologia da Religião e a Psicologia da Religião. Mas não há dúvida de que a Sociologia (da religião) tem dominado esse campo. Há, portanto, na academia brasileira, uma plethora de artigos, ensaios, monografias, dissertações e teses que se debruçam sobre um ou outro aspecto do fenômeno religioso a partir de uma perspectiva da Sociologia.

Entretanto, já há alguns anos uma lufada de ar fresco tem soprado nos arraiais da comunidade acadêmica que estuda cientificamente a religião, lufada essa proveniente de abordagens provenientes do estudo das artes em geral (especialmente as artes visuais) e, mais particularmente, da literatura. Tem-se descoberto que “nem só de Max Weber viverá o estudioso da religião”. De fato, a pesquisa na interface arte-literatura (em poesia e também em prosa) e religião/teologia hoje está presente nas mais destacadas e avançadas instituições de ensino de ciência(s) da religião e teologia, sejam essas confessionais (tanto as de tradição protestante como as de tradição católico-romana) ou estatais, no Brasil e no mundo. Já se tem observado que, em tempos chamados de pós-modernos, a teoria da literatura tem ocupado o lugar de destaque (*regina scientiarum*) que em outras épocas pertenceu à teologia (SIRE, 2001, p. 226-227). Por um lado, nada mais natural que isso, vez que, sem embargo de outras expressões artísticas, a literatura é, com sua capacidade de ao mesmo tempo revelar e ocultar, o veículo *par excellence* de transmissão de sonhos, crenças, esperanças e temores do humano. No que diz respeito especificamente à teologia, Gouvêa (2003, p. 4) assim se expressou a respeito dessa maneira verdadeiramente pós-moderna de fazer teologia:

É assim que chegamos, com Hans Frei, Stanley Hauerwas, Robert Farrar Capon e Mark C. Taylor, entre outros, à teologia narrativa e à teologia da imaginação, à teologia cultural, inspirada tanto por Tillich quanto por C. S. Lewis, uma teologia que trabalha na riquíssima interface entre a teologia e as artes, particularmente as artes literárias, buscando expressões do sagrado, audaciosamente indo onde nenhum teólogo jamais esteve.

Em nosso país já há um sugestivo *corpus* de pesquisas nessa interface, tanto produção nacional como também tra-

duções, em livros e artigos em periódicos<sup>1</sup>. A (re)descoberta da potencialidade epistemológica das artes e da literatura para o estudo da religião é, paradoxalmente, renovadora (dado ao virtual – e incrível – desprezo que essa fértil fonte de pesquisa tem recebido) e óbvia, vez que há milênios as artes e a religião estão visceralmente unidas, a um ponto tal que desconectá-las é como separar xifópagas.

No que tange à interface religião e literatura, observe-se a citação de Gross (2002, p. 8):

Não é difícil seguir na história a relação entre religião e literatura. Bem cedo a escrita foi utilizada para transmitir adiante mensagens sagradas. Não que isso sempre tenha sido feito através de uma sacralização formal dos próprios textos, como nas tradições religiosas que canonizaram algum conjunto de obras particulares. Mesmo sem uma tal consagração, os legados espirituais da humanidade foram sendo registrados por escrito, seja com objetivo de compartilhar tais conhecimentos, seja com objetivo de preservá-los de um desaparecimento futuro.

Essa citação pode dar a entender que somente textos considerados sagrados podem ser utilizados para o estudo da religião. Na verdade, não é o caso. Citando Gross (2002, p. 8-9) uma vez mais:

Por outro lado, a relação entre literatura e religião de forma alguma é monopólio de textos a que se atribui algum tipo de sacralidade. Também desde sempre os textos considerados “profanos” espelharam a religiosidade que os envolvia.

Por oportuno, ressalte-se que a pesquisa na interface literatura-religião/teologia está em construção. Há diferentes possibilidades teóricas neste vasto campo<sup>2</sup>. Mas, em síntese, pode-se afirmar que, independentemente do modelo teórico que se adote, quem trabalha com essa interface há de prestar atenção a algumas questões bem apresentadas por Gross (2002, p. 10-11), quais sejam:

Como a literatura em geral retrata ou deixa de retratar os elementos religiosos da cultura? Quais os pressupostos religiosos, conscientes ou não, assumidos no momento da escrita? Que mensagens de cunho espiritual são veiculadas, voluntária ou

<sup>1</sup> *Inter alia*, Zilles (1984, p. 337-349); Manzatto (1994); Araújo (1996); VV AA (1997); Soethe (1997, p. 205-223); Barcellos (2001); Gross (2002); Caldas (2003, p. 135-156).

<sup>2</sup> Quanto a diferentes possibilidades de articulação teórico-metodológica da interface literatura-teologia, consultar Barcellos (2001, p. 55-77).

involuntariamente? Como os elementos religiosos na cultura afetam o processo de recepção de uma obra literária? Pode-se considerar a literatura a-religiosa e a anti-religiosa como apresentando tipos de sacralizações alternativas às das tradições religiosas atuantes na cultura em geral?

O presente artigo visa mostrar, à guisa de estudo de caso, alguns elementos religiosos presentes em *Moby Dick* (doravante MD, para se referir ao livro, e por extenso, para se referir à criatura que dá título ao romance), e sua importância para a compreensão da referida obra, do autor norte-americano Herman Melville (1819-1891). A escolha se deve à inegável densidade do texto, provavelmente parabólico, metafórico e alegórico, em cuja tessitura indubitavelmente elementos religiosos têm grande peso. Duas perguntas nortearão a presente reflexão, quais sejam: Como Melville articula um conceito de Deus (ou da divindade)? De que maneira as religiões em geral são apresentadas na obra?

## 1. MD – CONSIDERAÇÕES LITERÁRIAS

Não se apresentará aqui uma biografia de Melville<sup>3</sup>, o que fugiria do escopo do presente artigo. Dir-se-á apenas que Herman Melville teve uma vida marcada por alguns lances de aventuras suficientes para um filme de aventuras: em 1841 embarcou no baleeiro *Acushnet*. No ano seguinte, desertou no porto de Nukahiva, nas Ilhas Marquesas, buscando refúgio entre os nativos, tendo, no entanto, permanecido pouco tempo entre eles, pois logo embarcou no *Lucy Ann*, baleeiro australiano. Alguns marinheiros do *Lucy Ann* foram acusados de motim, sendo Melville um deles. Os acusados foram presos no Tahiti, mas após duas semanas Melville conseguiu escapar e embarcar em outro baleeiro. Sua volta para os Estados Unidos foi em uma fragata da marinha do seu país, denominada *United States* (Howard, 1950, p. VI-VII). Foram essas experiências que decerto forneceram-lhe elementos para a construção de sua obra mais famosa.

Com toda certeza, MD é um clássico da literatura mundial. Não é sem razão que, tendo sido publicado em 1851,

<sup>3</sup> Para biografias de Melville, consultar, *inter alia*, Howard (1951), Parker (1996).

tenha sido traduzido para inúmeras línguas, adaptada para versões em quadrinhos e versões condensadas para crianças, e, pelo menos duas vezes, para o cinema (1956, sob a direção de John Huston, com Gregory Peck no papel de Ahab, e em 1998, sob a direção de Franc Roddam, com Patrick Stewart, ator shakespeareano britânico no referido papel). A densa narrativa de Melville apresenta enredo muito rico em verossimilhança, com impressionante equilíbrio entre bases históricas e a fantasia propriamente do autor. Haja vista a riqueza de detalhes na apresentação da caça à baleia, a nomeação de várias personagens de MD, com nomes bíblicos (Ishmael, Ahab, os capitães Peleg e Bildad, o navio *Rachel*), fato absolutamente comum em nação de maioria da população protestante (como os Estados Unidos da época do autor), a apresentação da Capela dos Baleeiros em New Bedford (capítulo 7), com seu púlpito convenientemente talhado em forma de proa de navio (capítulo 8), a descrição do sermão pregado no culto do qual os marinheiros participaram antes de embarcar (capítulo 9). O sermão é contextualizado: o pregador (que não é nomeado) é descrito como tendo sido arpoador em sua juventude (p. 37) e refere-se aos seus ouvintes não como “irmãos”, mas como *shipmates* – companheiros de bordo. Também de modo conveniente, o sermão é baseado em Jonas 1:17: “Deparou o Senhor um grande peixe, para que tragasse a Jonas; e esteve Jonas três dias e três noites no ventre do peixe”<sup>4</sup>.

MD não é um simples romance de aventuras. De fato, é difícil classificar que tipo de obra é MD. Não se trata de romance de viagem, nem de um drama (é possível afirmar que MD tem cores de tonalidades shakespeareanas, devido à sua intensa carga dramática) nem de um romance psicológico<sup>5</sup> (ainda que seja possível, mesmo necessária, uma interpretação psicológica da narrativa), mas, ao mesmo tempo, combina todo esses elementos, e vários outros. A respeito de MD, Leon Howard (1950, p. X, XII), especialista em Melville, afirmou:

Devido à sua complexidade não convencional, é um livro perturbador [...] À semelhança de todos os outros grandes livros, *Moby Dick* tem a potencialidade de enriquecer-se com o sentido das emoções e idéias de cada novo leitor, e tem se tornado maior em implicações com a passagem do tempo.

<sup>4</sup> Edição revista e atualizada no Brasil da Sociedade Bíblica do Brasil.

<sup>5</sup> Para uma interpretação de MD em perspectiva de psicologia junguiana, consultar Edinger (1995).

O livro narra, por intermédio de Ishmael (o narrador testemunha de Melville), como um grupo de caçadores de baleias, por volta de 1800 em New Bedford, Connecticut (costa nordeste dos Estados Unidos), embarcou no *Pequod*, um dos muitos navios baleeiros da época. O comércio de caça à baleia era responsável por boa parte da economia dos Estados Unidos no período retratado no romance. Vários arpoadores, provenientes dos mais diversos pontos do globo, foram contratados para o que, conforme pensam, seria apenas mais uma viagem de caça, com único objetivo de capturar baleias. Entretanto, em breve os arpoadores tomam conhecimento de que o objetivo de Ahab, o sinistro e misterioso capitão do *Pequod*, não é uma viagem em busca de lucro, mas de vingança: Ahab quer localizar e destruir uma gigantesca baleia branca, denominada Moby Dick, que algum tempo antes o mutilara, destruindo uma de suas pernas. Contra todo e qualquer bom senso, o Capitão Ahab levará adiante seu irreprimível desejo de vingança, que culminará em desgraça.

Os conflitos (do Capitão Ahab consigo mesmo, com o objeto de sua obsessão compulsiva e com sua tripulação) criam tensão e organizam seqüências e conseqüências de ações de modo brilhante, prendendo a atenção dos leitores até atingir um clímax com desfecho surpreendente e trágico. Os vários personagens de MD formam um mosaico humano muito rico em variação e densidade. No plano da narrativa, é difícil analisar quem verdadeiramente é o herói da trama – na verdade, é difícil saber se há um herói em MD. Seria Ishmael, o narrador testemunha de MD, o herói? Ou seria o destemido (porém derrotado) Capitão Ahab o herói, um símbolo da luta humana contra forças que lhe são infinitamente superiores? Se essa leitura for a preferida, Ahab poderia ser entendido como uma espécie de “figura” (Auerbach) de Prometeu. Quanto à possibilidade de Ahab como o herói da narrativa, Howard (1950, p. XIII) afirma:

Foi a simpatia emocional do autor (Melville) por um personagem (Ahab) a quem ele intelectualmente desaprova que deu a *Moby Dick* muito de sua ambigüidade e intensidade dramática.

Em uma perspectiva transdisciplinar, que combina história das religiões com análise literária, Ahab, que vai em seu

navio até o “fim do mundo” perseguindo Moby Dick, é um herói às avessas, pois é o monstro marinho que vem à superfície, e não Ahab que mergulha em sua captura. Assim sendo, seria Ahab um anti-herói? Conforme Eliade (1996, p. 158):

Reencontramos os monstros do abismo em inúmeras tradições: os Heróis, os Iniciados, descem ao fundo do abismo para enfrentar os monstros marinhos; eis uma prova tipicamente iniciática.

Ou a posição de herói cabe à misteriosa e poderosa Moby Dick? Outra possibilidade de leitura: seria o Capitão Ahab não o herói, mas o antagonista de Moby Dick? Ou o contrário?

Especialistas em hermenêutica contemporânea apontam para a dificuldade (quicá, absoluta impossibilidade) de determinar com plena exatidão a intenção autoral de um texto (*inter alia*, RICOUER, 1978; DERRIDA, 1991; BLEICHER, 1992; PALMER, 1999). Poucas vezes essa tese se verificará com mais exatidão que em MD. Há diversos estudos, cada qual propondo uma teoria interpretativa para a obra. Cristianismo, religião egípcia (BIRK, 1991, p. 283-299), hinduísmo (KULKARNI, 1970; SULLIVAN e HALL, 2001, p. 358-372), anticolonialismo, marxismo, movimento *gay* (e outras tendências religiosas<sup>6</sup> ou ideologias políticas) já têm sido identificados a bordo do *Pequod*. O presente artigo é apenas mais uma tentativa de entendimento do livro, na perspectiva do estudo da religião<sup>7</sup>.

<sup>6</sup> Neste sentido, é interessante a obra de Gleim (1962), uma análise de MD em perspectiva swedenborguiana.

<sup>7</sup> Quanto às análises de MD sob a perspectiva de estudos de religião, consultar, *inter alia*, Franklin (1963), Braswell (1973), Sherrill (1986).

## 2. AMÁLGAMAS RELIGIOSOS EM MD

Não há sombra de dúvida de que elementos religiosos passam as 566 páginas de MD da edição norte-americana de 1950. Uma das primeiras evidências da influência da religião na obra está no fato de que Melville frequentemente fala das crenças e práticas religiosas dos integrantes da tripulação do *Pequod*. Em certo sentido, é até óbvio que tal aconteça, considerando-se o detalhismo de Melville: o autor leva em

conta o fato de que, em princípios do século XIX, um navio baleeiro proveniente dos Estados Unidos, nação com grande contingente protestante em sua população, iria recolhendo marinheiros à medida que aportava no Peru, na Península da Malásia, na Indonésia ou seja lá onde fosse. Assim, a tripulação era constituída de crentes dos mais variados credos: encontravam-se nos baleeiros da época cristãos (católicos e protestantes), muçulmanos, hinduístas e adeptos de outras manifestações religiosas. O *Pequod* de Melville não é exceção: sua tripulação é constituída de estadunidenses brancos (e pelo menos um estadunidense “nativo”, isto é, um índio, chamado Tashtego), chineses, indianos, negros (um africano, Daggoo, e um adolescente estadunidense, Pip, a quem Ahab muito se afeiçoa) e um polinésio. O *Pequod* é como um microcosmo a navegar pelo mar da vida, transportando pessoas das mais diversas nacionalidades e tendências religiosas. Na verdade, o *Pequod* transporta a humanidade pelo oceano da existência. Referindo-se à variedade de crenças e práticas religiosas, Ishmael diz<sup>8</sup>:

Pois eu mantenho o maior respeito pelas obrigações religiosas das pessoas, não importa quão cômicas (sejam) [...] Eu digo, nós, bons cristãos presbiterianos, devemos ser caridosos nesses assuntos, e não nos iludirmos, julgando-nos tão grandemente superiores aos demais mortais, pagãos ou não, por causa dos conceitos meio loucos que eles têm quanto a essas questões (MELVILLE, 1950, c. 17, p. 81).

De fato, há coerência interna na obra, vez que Melville em MD jamais manifesta preocupações conversionistas de qualquer tipo, com qualquer tipo de ortodoxia teológica. Tudo indica que comprometimento com ortodoxia teológica era a última das preocupações do autor de MD. Sabe-se que Melville era conhecido em seu tempo como irreverente, por não ser assíduo freqüentador de igreja e por ser crítico do cristianismo institucional e da atividade missionária deste (PARKER apud SULLIVAN e HALL, 2001, p. 365). Quanto à variedade de práticas religiosas presentes em MD, observa-se que, de modo curioso, Melville mescla elementos de diferentes tradições religiosas em uma pessoa, supostamente adepta de um único cre-

<sup>8</sup> Conquanto haja versões de MD em português, há alguns anos, o autor deste trabalho faz citações a partir da edição norte-americana de 1950.

do. Em outras palavras: Melville descreve uma espécie de sincretismo religioso em alguns tripulantes do *Pequod*. Tome-se como exemplo o caso de Queequeg, o arpoador polinésio, um dos mais fascinantes personagens da narrativa. Queequeg revela-se o melhor e mais leal amigo de Ishmael. No capítulo 17 (O Ramadan), apresenta-se Queequeg guardando o jejum do mês de Ramadan, uma das obrigações de todo muçulmano (p. 81-87). Interessante é que, no início da narrativa, Queequeg havia sido apresentado como um “pagão”, que prestava culto ao seu “ídolo Congo” (c. 3, p. 23). Percebe-se que Melville faz verdadeiro amálgama de crenças religiosas: um polinésio adorador de um ídolo de origem africana (decerto Melville tinha conhecimento de que o Congo não está na Polinésia), mas ao mesmo tempo observa uma prática religiosa muçulmana. Ainda que não fosse absolutamente impossível, era, no mínimo, altamente improvável que houvesse um polinésio muçulmano em meados do século XIX. O mesmo ocorre com o misterioso personagem chamado Fedallah, um membro da tripulação temido pelos outros marujos. No capítulo 73 (p. 322-327), dois marinheiros, Flask e Stubb, estão conversando e referem-se a Fedallah como “o diabo disfarçado”. Fedallah é descrito como um Parsee, isto é, um “persa”, um adepto do zoroastrianismo. O curioso é que o substantivo próprio Fedallah é a corruptela de *Fadl-allā*, nome árabe muito comum entre muçulmanos, que significa “graça de Deus” (SULLIVAN e HALL, 2001, p. 361). Seria muito difícil encontrar um indiano zoroastrianista com um nome indicador de origem muçulmana na primeira metade do século XIX. Há duas possibilidades de entender essas situações criadas por Melville: ou o autor equivocou-se (afinal, não se tinha no Ocidente no início do século XIX o conhecimento de religiões orientais que hoje se tem) ou deliberadamente fez uma mescla de religiões. Se a última hipótese for a correta, parece que Melville com isso quer indicar a inutilidade das religiões para o homem, pois, no fim, a baleia destruirá a tudo e a todos (com exceção de Ishmael). Pode ser que, com os amálgamas religiosos que faz, Melville esteja a zombar da ortodoxia religiosa, não importa se islâmica, zoroastrianista ou qualquer outra.

## 2.1. A BALEIA BRANCA: METÁFORA DE DEUS?

---

Muito se tem perguntado sobre o significado da baleia Moby Dick na obra. Considerando o que há pouco foi dito, que tem sido afirmado pelos especialistas contemporâneos em hermenêutica, quanto à dificuldade, ou mesmo impossibilidade, de determinar com absoluta precisão a intenção autoral de um texto, não se tem aqui a pretensão de dar resposta pronta e acabada a essa pergunta. Sugere-se apenas, hipoteticamente, que talvez a baleia branca possa ser entendida como metáfora ou símbolo da divindade. Em busca de comprovação dessa hipótese, citar-se-ão alguns textos nos quais Melville descreve Moby Dick. Deve-se prestar atenção a tais textos: Moby Dick é apresentada como um ser misterioso, silencioso e poderoso, que reina absoluto nos mares, que não se pode compreender – e muito menos dominar. Um ser com grande antiguidade, e, até mais que isso, a descrição parece apontar para um ser com divindade. Por exemplo, no capítulo 14 (Nantucket) é dito:

[...] a mais poderosa massa viva que sobreviveu ao dilúvio; mais monstruosa e mais montanhosa! Aquele himalaico mastodonte do mar, vestido com tal portento de poder inconsciente, cujos pânicos devem ser mais temidos que seus ataques mais maliciosos e destemidos! (MELVILLE, 1950, p. 62-63).

Adiante, Melville (1950, p. 345-346) afirma, em passagem reveladora, na qual faz a seguinte descrição:

[...] no grande cachalote, esta sublime e poderosa dignidade divina inerente em sua expressão, é tão imensamente ampliada que, ao contemplá-la de frente, você sente a deidade e os poderes terríveis mais impetuosamente que ao contemplar qualquer outro objeto na natureza viva [...] Em perfil, você vê claramente aquela depressão horizontal, semicrescente no meio da testa que, em um homem, é a marca de gênio, conforme Lavater. Mas como? Gênio no cachalote? O cachalote já escreveu algum livro ou pronunciou algum discurso? Não. Seu grande gênio é declarado em não fazer nada em particular para prová-lo. Seu gênio é mais afirmado em seu silêncio piramídico. E isso

me lembra que, tivesse o grande cachalote sido conhecido do mundo do Oriente, teria sido deificado por seus pensamentos mágicos. Eles deificaram o crocodilo do Nilo, porque crocodilo é desprovido de língua; o cachalote não tem língua, ou pelo menos é tão pequena que é incapaz de formar uma protuberância [...] Champollion decifrou os acidentados hieróglifos de granito. Mas não há Champollion para decifrar o Egito da face de cada homem e de cada ser [...] se então, Sir William Jones, que lia em trinta línguas, não poderia ler a face de um simples lavrador em seus significados mais profundos e sutis, como o analfabeto Ishmael pode esperar ler o terrível caldaico da expressão do cachalote? Eu nada posso, a não ser apresentar esta expressão a você. Leia-o se puder.

Vê-se nesse trecho que Melville descreve um ser silencioso, que não se comunica com ninguém, e enigmático, que não se pode compreender. Essas descrições fazem lembrar o que mais tarde afirmou Otto (1985), em um estudo que se tornou clássico no estudo das religiões, sobre o divino, *numen*, realidade terrível, que espanta, amedronta e assusta, mas ao mesmo tempo atrai e chama a atenção. Se for correta a idéia que entende ser Moby Dick um símbolo ou uma metáfora da divindade, talvez seja possível concordar com autores como Thompson (1952, *passim*), Sullivan e Hall (2001, p. 366), que têm compreendido que MD é expressão da luta de Melville com Deus. Essa luta não é como a luta de Jacó com o anjo no vau de Jaboque (Gênesis 32:22-32). Se se considerar a besta-fera dos mares como o símbolo que Melville encontra para se referir a Deus (ou, talvez, com mais precisão, à divindade), talvez seja um pouco mais fácil entender a razão da incrível obstinação de Ahab em vingar-se do ser que o deixou pernetado. Entendido dessa maneira, MD seria uma metáfora da luta do humano contra o divino. A divindade desse modo seria entendida como responsável pelo mal que acomete os humanos. Evidentemente, tal luta é fadada ao fracasso: a baleia branca destrói o *Pequod*. Estaria com isso Melville afirmando sua crença de que a religião, qualquer que seja, é inútil? Dessa maneira, MD seria um poderoso libelo anti-religioso. Talvez Melville se identifique mesmo com Ahab, em sua raiva de uma divindade silenciosa, que não se revela, e ainda castiga com fúria irreprimível quem cruza seu caminho.

## CONCLUSÃO

---

Melville termina a narrativa de MD de modo arrebatador. No confronto final de Ahab contra Moby Dick, o *Pequod* é destruído e todos são mortos, com exceção, como já fora afirmado, de Ishmael, que se salva agarrado ao caixão que Queequeg mandara fazer para si, mas jamais utilizou. Melville utiliza uma expressão que se repete quatro vezes no primeiro capítulo do livro de Jó: “e só eu escapei para dar-te a nova” (*Bíblia Sagrada*, 1:15, 16, 17, 19). No caso de estar correta a hipótese deste artigo, que defende ser MD um libelo anti-religioso, e a baleia um símbolo da divindade, Ishmael escapou com vida para levar a notícia de que o humano não pode lutar contra o divino, e que a prática religiosa é, no fim das contas, inútil. É curioso que o único sobrevivente tenha escapado por ter se agarrado a um caixão. Antes, no início de sua longa narrativa, Melville afirmara: “Mas a fé, como um chagal, alimenta-se entre as tumbas, e mesmo nessas dúvidas mortas encontra sua esperança mais vital” (capítulo 7, p. 36).

## REFERÊNCIAS

---

- ARAÚJO, Heloísa Vilhena de. *O roteiro de Deus*. Dois estudos sobre Guimarães Rosa. São Paulo: Mandarim, 1996.
- BARCELLOS, José Carlos. *Literatura e espiritualidade*. Bauru: Edusc, 2001.
- BIRK, J. F. Unsealing the Sphinx: The *Pequod's* Egyptian Pantheon. *American Transcendental Quarterly*, n. 4, 1991.
- BLEICHER, Josef. *Hermenêutica contemporânea*. Lisboa: Edições 70, 1992.
- BRASWELL, William. *Melville's religious thought*. An essay in interpretation. Nova York: Octagon, 1973.
- CALDAS, Carlos. Religião e literatura: reflexões sobre O Silmarillion. *Ciências da Religião: História e Sociedade*, São Paulo, ano 1, n. 1, 2003. Universidade Presbiteriana Mackenzie.
- DERRIDA, Jacques. *Margens da filosofia*. Campinas: Papirus, 1991.

- EDINGER, Edward F. *Melville's Moby Dick: An American Nekyia*. Toronto: Inner City, 1995.
- ELIADE, Mircea. *Imagens e símbolos*. Ensaio sobre o simbolismo mágico-religioso. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- FRANKLIN, H. B. *The Wake of the Gods: Melville's mythology*. Stanford: Stanford University Press, 1963.
- GLEIM, William S. *The meaning of Moby Dick*. Nova York: Russell & Russell, 1962.
- GOUVEA, Ricardo Quadros. *Espiritualidade, hermenêutica e tragédia: um ensaio sobre mística, linguagem e a teologia do futuro*. Comunicação apresentada no Colóquio sobre Mística Medieval e Mística Protestante do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Universidade Presbiteriana Mackenzie. 2003.
- GROSS, Eduardo (Org.). *Manifestações literárias do sagrado*. Juiz de Fora: Editora da UFJF, 2002.
- HOWARD, Leon. *Herman Melville: a biography*. Berkeley: California University Press, 1951.
- \_\_\_\_\_. *Introduction to Moby Dick or, The Whale*. Nova York: The Modern Library, 1950.
- JOSSUA, Jean-Pierre; METZ, Johann Baptist. Concilium (Editorial). *Concilium*, v. 115, n. 5, 1976.
- KUSCHEL, Karl-Josef. *Os escritores e as escrituras*. Retratos teológico-literários. Trad. Paulo Astor Soethe, Maurício Cardoso, Elvira Horstmeyer, Ana Lúcia Welters. São Paulo: Loyola, 1999.
- MANZATTO, Antonio. *Teologia e literatura*. Reflexão teológica a partir da antropologia contida nos romances de Jorge Amado. São Paulo: Loyola, 1994.
- MELVILLE, Herman. *Moby Dick or, The Whale*. Nova York: The Modern Library, 1950.
- OTTO, Rudolf. *O sagrado*. Um estudo do elemento não-racional na idéia do divino e a sua relação com o racional. Trad. Prócoro Velasques Filho. São Bernardo do Campo: Imprensa Metodista, 1985.
- PALMER, Richard. *Hermenêutica*. Lisboa: Edições 70, 1999.
- PARKER, Hershel. *Herman Melville, a biography*. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1996. v. 1, p. 1819-1851.

- RICOUER, Paul. *Conflito das interpretações*. Ensaios de hermenêutica. Rio de Janeiro: Imago, 1978.
- SHERILL, R. A. Melville and religion. In: BRYANT, John (Ed.). *A Companion to Melville Studies*. Nova York: Greenwood, 1986.
- SIRE, James. *O universo ao lado*. Um catálogo de cosmovisões. São Paulo: Editorial Press, 2001.
- SOETHE, Paulo Astor. *Heinrich Böll e a legitimação teológica do discurso literário*. Belo Horizonte: Perspectiva Teológica 29, 1997.
- SULLIVAN, Bruce M.; HALL, Patricia Wong. The Whale Avatar of the Hindoos in Melville's *Moby Dick*. *Literature and Theology*. An International Journal of Religion, Theory and Culture, v. 15, n. 4, dez. 2001.
- THOMPSON, L. *Melville's quarrell with God*. Princeton: Princeton University Press, 1952.
- VINCENT, Howard P. *The trying-out of Moby Dick*. Carbondale: Souther Illinois University Press.
- VV AA. Teologia e literatura. *Cadernos de Pós-Graduação/ Ciências da Religião 9*. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 1997.
- ZILLES, Urbano. Literatura e Teologia. *Veritas*, v. 29, n. 115, 1984.